



PROJETOS EXEMPLARES
**Snack-bar
Sorriso
produz
pão à
moda antiga**

página 3



ESPAÇO ASSOCIADO
**FRUTER:
responder ao
mercado e
ajudar os
produtores**

página 3



GRATER – ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

OLHAR O MUNDO RURAL

N.º 28 . abril/2020 • grater@grater.pt • www.grater.pt • www.facebook.com/grater.pt • distribuição gratuita

ESTE SUPLEMENTO INTEGRA O JORNAL DIÁRIO INSULAR E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



PRORURAL+

Governo dos Açores

PORTUGAL
2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa investe nas zonas rurais

AÇORES E CABO VERDE JUNTOS

páginas 3 e 4

Produtores cabo-verdianos
visitam a ilha Terceira. As
duas Regiões unem-se
para produzir melhor.



TIAGO ORMONDE
Vice-presidente da GRATER

EDITORIAL

Comprem Local

Vivemos tempos atípicos. Mas, sem qualquer dúvida, a resiliência que nos caracteriza dar-nos-á ânimo e alento para ultrapassarmos este período e, acima de tudo, o futuro que se avizinha.

Neste episódio menos bom da nossa história, torna-se evidente o papel da Produção Local como garante das cadeias de abastecimento que são essenciais à nossa vida quotidiana. Evidente não apenas pelas necessidades de consumo que caracterizam a nossa sociedade, mas, passada esta tempestade, pela urgência de nos unirmos em defesa dos nossos produtores.

São comuns e conhecidos os estudos que dizem que se despendermos uma parte do nosso orçamento para alimentação em bens produzidos localmente, conseguimos garantir a viabilidade de muitos negócios do setor.

Como é garantido o impacto que a pandemia COVID-19 vai gerar – e já está a gerar – na nossa economia. Por muito otimismo que tenhamos, é uma certeza que os tempos económicos e sociais serão mais difíceis nos próximos tempos. É, portanto, nosso dever reinventarmos e recuperarmos a Solidariedade que caracteriza a nossa Identidade e ajudarmos a nossa Produção e os nossos Produtores.

Sabemos que, muitas vezes, a opção de compra tem por base o orçamento disponível. Mas temos de compreender os custos de produção associados e, acima de tudo, assumir que, ao comprarmos Local, estamos a criar o rumo para o aumento da oferta e, por essa via, o achatamento da curva dos preços.

A Economia – de forma simplificada – explica-nos essa virtude do consumo: aumentando a procura, aumenta a oferta, aumenta-se a escala de produção e a concorrência e baixam os preços para valores comportáveis por todos.

Contudo, é também justo – fundamental até – realçarmos que a questão do preço não é de todo impeditiva de consumo da Produção Local. Acreditamos que a maior razão é mais a comodidade no acesso, por via da concentração.

O que é fundamental é assumirmos que ao consumirmos e privilegiarmos a Produção Local estamos a contribuir significativamente para que a nossa Economia siga pujante.

Neste período conturbado, as instâncias públicas têm procurado apresentar medidas que ajudem a reduzir o impacto económico e social do problema. A todos nós cabe-nos contribuir para que a nossa economia ganhe raízes profundas de sustentabilidade.

Consumir Local é um passo decisivo nesse rumo.

CURIOSIDADES do mundo rural



-Alimentação em tempos de pandemia

O surto de COVID-19 que afetou o mundo – e que não deixou os Açores incólumes – obrigou a população a estar mais tempo em casa. Acontece que o isolamento trouxe, também, o risco de uma alimentação descuidada e descontrolada. Foi por isso que a Direção-Geral da Saúde publicou um manual com orientações na área da nutrição, conselhos para que não se caia na tentação de uma pior alimentação em tempos de pandemia e para que, ao mesmo tempo, seja possível reforçar o sistema imunitário.

Para isso, a Direção-Geral de Saúde recomenda: comer mais hortaliças e mais fruta (pelo menos, sopa de hortícolas ao almoço e jantar e três peças de fruta); beber entre 1,5 a 1,9 litros de água (oito copos) ao longo do dia; consumir feijão, grão e ervilhas; evitar snacks com excesso de açúcar e sal; fazer uma alimentação variada e completa, seguindo a roda dos alimentos.

No manual, há ainda recomendações sobre as idas ao supermercado. Conselhos, no fundo, para uma compra responsável e adequada, nomeadamente de alimentos que apresentem uma boa durabilidade e que, ao mesmo tempo, sejam promotores de uma alimentação

saudável e que permitam reduzir a frequência de ida às compras.

Assim, a Direção-Geral da Saúde aconselha a planear. Neste sentido, avança o manual, é preciso fazer uma lista de compras, verificando, antes, que alimentos estão disponíveis em casa, a capacidade de armazenamento e de refrigeração e o número de refeições em causa. No momento da compra, é preciso: optar por alimentos que tenham um prazo de validade mais longo; garantir que o cesto tem um bom equilíbrio entre alimentos com menor e maior durabilidade; preferir alimentos de elevado valor nutricional em detrimento de alimentos com elevada densidade energética; e assegurar a compra de produtos frescos.

Segundo a Autoridade Europeia para a Segurança Alimentar (EFSA) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) não existe, até ao momento, evidência de qualquer tipo de contaminação através do consumo de alimentos cozinhados ou crus. Ainda assim, a autoridade de saúde nacional recomenda, também, o reforço das medidas de higiene na cozinha.

O manual pode ser consultado na página de internet do Serviço Nacional de Saúde.

ENTREVISTA

ANTÓNIO CARENTE PIRES

presidente da AGRORIG – Santo Antão

Açores e Cabo Verde podem ser parceiros comerciais

O projeto “Cultivar & Cooperar” está a potenciar a troca de experiências agrícolas entre os Açores e Cabo Verde. António Carente Pires, líder da AGRORIG, garante que há outros caminhos que podem abrir-se com esta partilha e com os contactos que estão a estabelecer-se. O fortalecimento das relações comerciais está em cima da mesa.

O projeto “Cultivar & Cooperar” – implementado em cooperação pela GRATER, pela AGRORIG e pela ADIRN – une os Açores (as ilhas Terceira e Graciosa), a Cabo Verde (ilha de Santo Antão) e ao Ribatejo Norte, na partilha de boas práticas na área da agricultura. O que é que estas regiões têm para oferecer umas às outras, do seu ponto de vista?

Com esta cooperação, nós temos tido a oportunidade de ganhar uma experiência enorme não só na área da produção agrícola, mas também na área da pecuária – que é, nomeadamente, uma das vocações da ilha Terceira. Este tipo de protocolo é, para nós, de grande valia, porque nos dá a possibilidade de adquirirmos e de enriquecermos o nosso conhecimento através da troca de experiências e dos intercâmbios que têm sido feitos entre a GRATER e a AGRORIG, a Associação dos Produtores Agroindustriais da ilha de Santo Antão.

Foram realizados, já, dois intercâmbios: um da GRATER a Santo Antão e outro, precisamente, da AGRORIG à ilha Terceira. Que balanço faz dessas experiências?

O balanço é positivo. Na primeira visita veio a GRATER a Cabo Verde, no ano passado, e já nessa altura houve uma troca de ideias, de experiências e do aprender fazer.

E que ideias levou a AGRORIG da ilha Terceira para Cabo Verde?

Trouxemos um volume enorme de ideias, principalmente na área da pecuária, que é uma área muito bem desenvolvida na ilha Terceira. A ilha de Santo Antão tem algumas das características da ilha Terceira, ainda que aqui chova muito pouco. Apesar disso, conseguimos perceber que é possível introduzir



uma pecuária intensiva na ilha, não propriamente na produção de leite – que é mais difícil, precisamente, por causa das chuvas – mas, sobretudo, na produção de carne. Para além disso, tivemos a oportunidade de visitar várias unidades de produção, nomeadamente de queijo e de hortícolas. Foi uma excelente troca de experiências e gostaríamos que assim se mantivesse por muito tempo.

Diria, portanto, que a falta de água é um dos maiores entraves ao desenvolvimento da agricultura e da pecuária em Cabo Verde?

A falta de água é um dos maiores problemas de Cabo Verde, mas nós podemos ter uma pecuária intensiva em regime fechado com a importação de matéria-prima. Nós temos sol praticamente o ano inteiro e isso dá-nos essa possibilidade. Não temos chuva, mas temos sol, e podemos produzir alguma carne no país. Tivemos a oportunidade de visitar, também, um aviário em construção, que está em andamento agora, e um dos agricultores que acompanharam a visita ficou com a ideia de investir

aqui em Cabo Verde nessa área, na produção de ovos e de carne.

Os produtores cabo-verdianos estão animados e com vontade de investir nessas áreas?

Os agricultores e os produtores da ilha de Santo Antão têm vontade de investir, mas falta-nos enriquecimento do conhecimento e é isso que estes intercâmbios fazem: trazem-nos mais conhecimento e mais vontade para investir.

Em que áreas é que Cabo Verde e, de forma particular, Santo Antão, têm potencial para crescer? Em que áreas é que estão mais focados?

Neste momento estamos focados nas áreas de produção de legumes, na fruticultura e de todos os tipos de hortaliças. Em Cabo Verde temos alguma produção de banana, mas temos, muitas vezes, problemas no escoamento. Com estes intercâmbios, também, e com o conhecimento que vamos ganhando, percebemos que é necessário investir cada vez mais na transformação desses produtos.

Parece-lhe viável a possibilidade de estreitar as relações comerciais entre os Açores e Cabo Verde?

Essa é uma esperança que temos. Estivemos também a avaliar a possibilidade de os Açores serem um nicho de mercado para os produtos de Cabo Verde, principalmente para as nossas compotas. Em Cabo Verde temos um bom clima para a produção de papaia e temos, também, muitas mangueiras, sendo que a produção de manga acaba por ser desvalorizada. Consideramos que os Açores podem ser um dos mercados para essas frutas. Temos, ainda, o grogue, que é uma das riquezas da ilha de Santo Antão – produzimos cerca de dois milhões e 500 mil litros de grogue por ano, um grogue genuíno – e os Açores podem ser, no futuro, um dos nossos mercados de exportação.



ESPAÇO ASSOCIADO

FRUTER

Apoiar os sócios, satisfazer o mercado

Desde 1990 que a FRUTER se dedica a proteger os produtores de hortícolas, frutícolas e – mais recentemente – florícolas da ilha Terceira, concedendo, sempre, especial atenção às necessidades dos consumidores. Uma função que ganha contornos ainda mais importantes em épocas difíceis como aquela que agora assola o mundo.

Em dias de crise, as associações fazem ouvir-se mais alto na defesa dos setores que representam. É nestas alturas, sobretudo, que o associativismo revela de que fibra é feito: as decisões, às vezes dolorosas, são tomadas em tempo recorde. No caso da nova direção da FRUTER, em exercício desde janeiro, “tempo recorde” é eufemismo. Os projetos que entusiasmavam no início do ano estão, agora, à espera de dias melhores, mas a função da Associação de Produtores de Frutas, de Produtos Hortícolas e Florícolas da Ilha Terceira mantém-se: apoiar os sócios e satisfazer os mercados.

É Paulo Rocha, o novo presidente da FRUTER, quem o assegura. “É um momento difícil para tomar decisões. Nós iniciámos em janeiro, agora estamos a contar os meses para chegar ao fim do ano”, sublinha. Tudo por conta do surto pandémico de COVID-19, que parou o mundo e fez, assim, suspender as economias. Na carteira da associação estão os projetos de valorização das produções da ilha. E são muitos.

O foco, avança o responsável, mantém-se na exportação. “O mercado local é bom, mas não deixa de ser composto por 50 mil pessoas. Temos de continuar a colocar os nossos produtos lá fora”, sustenta.

É o que acontece, já, com a produção de flores – próteas, principalmente. Neste momento, mais de 50% do volume de negócios da FRUTER decorre da venda de flores para outros países. Holanda é um recetor importante. Segue-se Miami, nos Estados Unidos da América. “As flores deram um grande impulso à cooperativa”, refere.

E é esse o caminho que a associação preten-



de continuar a fazer, desta feita com outros produtos-chave da ilha, nomeadamente a banana – que, aliás, está na base da história da própria FRUTER: a associação foi criada em 1990 a partir do núcleo da Associação de Produtores de Banana da Terceira, fundada em 1987. Hoje, são 41 os produtores associados com atividade nesse setor, totalizando uma área de produção de mais de 50 hectares ao ar livre. A produção é variável, está muito dependente das condições climáticas, mas a verdade é que há anos em que os excedentes são um problema. É aí que a FRUTER quer intervir. “Nós temos em vista o mercado nacional. No ano em que tivermos excesso de banana vamos tentar colocá-lo lá fora, ainda com maior expressão, com a Marca Açores”, avançou Paulo Rocha.

Outra das áreas que há anos merece a atenção da associação, e que a nova direção pretende continuar a incentivar, é a da produção de mel – que é de denominação de origem protegida e que tem vindo a ser premiado, inclusive, ao nível nacional. De acordo com a FRUTER, aliás, o mel da ilha Terceira tem particularidades importantes, que o distinguem de outros: é isento de resíduos farmacológicos devido à reduzida ou inexistente incidência de doenças nas abelhas, “tornando-o num produto inigualável ao nível mundial”; tem uma tonalidade

clara, por vezes quase incolor; tem um aroma e sabor característicos, provenientes dos néctares do incenso; e é constituído, essencialmente, por açúcares naturais, assim como por como ácidos orgânicos, enzimas e partículas sólidas originárias da sua colheita.

Trata-se de caminhos que a associação pretende continuar a trilhar, garantindo, nomeadamente, formação aos seus produtores. “A formação é essencial. Não só formação local, mas também no exterior, porque é importante que tomemos conhecimento de outras realidades, do que é feito noutros lugares. Estamos a investir, nomeadamente, em formação em proteção integrada, em produtos sem químicos – que são, cada vez mais, uma exigência dos mercados”, sustentou o responsável.

A FRUTER pugna também, através do apoio aos produtores, pelo desenvolvimento rural da ilha Terceira e defende, por isso, a importância das instituições que se dedicam a essa missão. É o caso da GRATER, de que é associada. Para o presidente da associação, importa, cada vez mais, viabilizar os projetos com maior impacto no longo prazo. “Penso que estas entidades têm que ser mais ligadas aos produtores e ter uma visão da realidade local. Na minha opinião, é preciso aproveitar os fundos para apoiar projetos com real viabilidade neste contexto”, considerou Paulo Rocha.



PROJETOS EXEMPLARES

SNACK-BAR SORRISO

Cozer o pão à antiga

As quintas-feiras e os domingos, no snack-bar Sorriso, são dias de cozido à portuguesa. É um costume daquele estabelecimento na Fonte do Bastardo, que às carnes e aos legumes junta, ainda, o tradicional pão em forno de lenha. Agora, aliás, amassado às mãos de quem ali trabalha e cozido, também, no restaurante. O forno a lenha, a funcionar há um ano, foi um investimento. “Nós costumávamos comprar pão e trancas para as sopas do Espírito Santo a um particular. Entretanto, a minha filha aprendeu a cozer e quisemos começar a fazê-lo em casa, porque as pessoas gostam muito do pão à antiga”, avançou Filomena Leal, proprietária do snack-bar Sorriso. Consolidada a ideia e fortalecidos os conhecimentos, era tempo de avançar com o projeto, depois apresentado à GRATER. “Como íamos precisar de ter mais gente a trabalhar connosco, decidimos apresentar a ideia”, sustenta a

beneficiária. Em causa está um investimento de 44.522,80 euros, apoiado em 70% (85% do Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural e 15% do Orçamento da Região Autónoma dos Açores), num montante de apoio de 31.165,98 euros.

Agora, do forno a lenha do snack-bar Sorriso saem as trancas, o pão de trigo e o pão de milho só de uma farinha.

“Nós não usamos fermento de padeiro, usamos o fermento de farinha de milho, que era o que se usava no tempo da minha mãe e da minha avó. Demora mais tempo até estar pronto a cozer, entre três a quatro horas, mas fica diferente. Fazemos tudo à mão, porque as mãos é que são o tempero e o termómetro do pão: com as mãos é que sabemos se é preciso mais água e se a massa está bem amassada”, sublinha Filomena Leal.

Tudo feito da forma mais tradicional possível.



JUNTA DE FREGUESIA DAS LAJES

(Renovar) um museu para homenagear o Carnaval

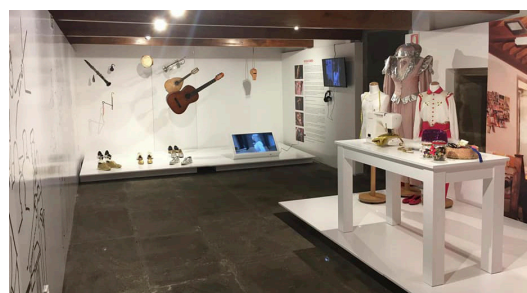


Se há tradição que une a Terceira, essa tradição é o Carnaval. Em fevereiro, a ilha move-se num frenesim para fazer sair à rua as danças e os bailinhos que dão cor aos salões – preparados para receber milhares de apaixonados pelo entrudo terceirense. É um costume que a freguesia das Lajes homenageia desde 2005, com um museu que encontrou o seu espaço numa casa típica do Ramo Grande e que, agora, foi alvo de remodelação.

É no Museu do Carnaval – agora denominado Museu do Carnaval da Ilha Terceira, Hélio Costa – que se guardam as memórias de todos os entrudos: roupas, livros, grande parte do espólio de José Orlando Bretão e de Augusto Gomes. São memórias valiosas que, segundo a autarquia local, chegaram a estar em perigo. “O edifício tinha problemas de humidade e receíamos que isso pusesse em causa tudo o que aqui guardamos. Para além disso, quando tomámos posse, em 2013, notámos que havia uma lacuna ao nível da linguagem e quisemos adaptá-la, torná-la mais moderna. Fizemos, por isso, um

rearranjo em 2015, mas continuou, entretanto, a faltar-nos espaço”, conta César Toste, presidente da Junta de Freguesia das Lajes.

Ora, foi nessa altura, e depois de estabelecidos contactos com a Direção Regional da Cultura, que a autarquia local decidiu avançar com uma candidatura à GRATER, por forma a poder desenvolver obras de reabilitação no edifício do Museu do Carnaval. Os objetivos centrais passavam por requalificar o espaço que acolhe a exposição de longa duração sobre a tradição terceirense, dar ao Carnaval da Terceira uma perspetiva histórico-antropológica, garantindo, ao mesmo tempo, a preservação, o estudo e a exposição dos objetos materiais e imateriais, representativos da identidade, da cultura, da história e do desenvolvimento da ilha. Para isso, foi preciso aumentar a área de exposição da casa, num montante elegível de 59.607,42 euros, apoiado a 100% (85% pelo Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural e 15% pelo Orçamento da Região Autónoma dos Açores).



O Museu do Carnaval da Ilha Terceira – Hélio Costa integra agora a Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores. Todo o material, que antes não tinha espaço naquela casa típica das Lajes, está concentrado e acessível. Ainda assim, para a Junta de Freguesia das Lajes, muito mais há a fazer. “O Carnaval tem muito por explorar. Estamos agora a trabalhar numa plataforma onde vai ser possível consultar todas as danças e bailinhos que se apresentaram ao público. É um trabalho moroso, mas que já começámos”, avançou o autarca.

O espaço, inaugurado este ano, pretende assumir-se como um polo dinamizador do turismo não só do concelho da Praia da Vitória, mas de toda a ilha. “O que pretendemos é valorizar esta tradição: o Carnaval merecia e merece isso. Este é um museu que se pretende que não fique fechado sobre si próprio, mas que chegue a toda a Terceira e à diáspora, que conte as suas histórias. Queremos que este museu seja de todos e de todas as freguesias”, concluiu César Toste.



NOTÍCIAS

Produtores de Cabo-Verde e da ilha Terceira trocam conhecimentos agrícolas

Uma comitiva de produtores da ilha de Santo Antão esteve, no passado mês de março, na ilha Terceira, num intercâmbio promovido pela GRATER – Associação de Desenvolvimento Regional e pela AGRORIG – Associação de Agricultores Agroindustriais da Ribeira Grande. A visita, que decorreu um ano depois da deslocação da comitiva terceirense a Cabo Verde, aconteceu no âmbito do “Cultivar & Cooperar” – um projeto de cooperação transnacional LEADER (submedida 19.3 do PRO-RURAL +) que tem um total de investimento de 59.805,24 euros – e permitiu, essencialmente, a troca de experiências e de contactos entre profissionais da mesma área.

Do programa da visita, que se estendeu de nove a 12 do mês passado, constaram visitas a várias explorações agrícolas de bovinicultura de leite e de carne, visitas a explorações de horticultura, formações em sala e formações teórico-práticas. Fernando Escobar, da UNICOL, foi o responsável por orientar uma dessas formações, na temática de higiene e máquinas de ordenha – conhecimentos essenciais para quem pretenda enveredar pela produção de leite. “Para muitos não será possível, neste momento, adquirir as máquinas com que trabalhamos já, até porque a assistência, em caso de necessidade, será mais difícil. Mas é possível avançar com máquinas mais simples, mais à dimensão da produção que eles desejam – maquinaria, aliás, que ainda é utilizada por 50% das nossas explorações”, avançou.

Anselmo Pires, um dos produtores cuja exploração foi alvo de visita, e um dos membros que integraram a comitiva dos Açores que visitou Cabo Verde em janeiro de 2019, reconhece que as duas regiões movem-se a ritmos diferentes no que diz respeito à produção agrícola. “São territórios distintos, mas nós tentámos passar a melhor informação possível, informação que eles pudessem transportar para Santo Antão e adaptar ao tipo de produção que podem ter. Apostar na produção massiva de leite, por exemplo, é difícil, porque há mais dificuldade em alimentar os animais... Mas é possível apostar em animais de pequeno porte, nomeadamente ovinos e caprinos”, avançou.

Há, no entanto, áreas que, segundo Anselmo Pires, têm maior potencial para serem exploradas em Cabo Verde: as da produção hortícola e frutícola. Áreas, inclusive, em que podem ser fomentadas as trocas comerciais entre os dois arquipélagos. “Nós temos a carne e o leite, eles têm o grogue e a fruta tropical. É um caminho que temos de trabalhar. As portas estão abertas”, disse.

ABRIR HORIZONTES

A passagem da comitiva pela Biofontinhas



teve, precisamente, o objetivo de mostrar a importância da diversificação hortícola, tendo em conta, nomeadamente, as necessidades e as apetências do mercado, sublinha o proprietário, Avelino Ormonde. “Tive a preocupação de falar sobre os princípios e os conceitos que norteiam a atividade da Biofontinhas, baseados nos três pilares da agricultura biológica – a compostagem, a rotação de culturas e a sideração. E falei, também, da importância de ter a noção daquilo que o mercado procura”, refere.

A propósito, Avelino Ormonde apresenta o caso das cozinhas das cadeias de hotéis, que sustentam a sua atividade em Cabo Verde. “Falei-lhes, por exemplo, da cozinha na hotelaria, que pode estar interessada noutros produtos que não aqueles de que nos lembramos à primeira – microgreens, por exemplo. No fundo, é fazer com que as pessoas percebam que há mais produtos que podem ser úteis, para além dos óbvios”, disse.

O produtor hortícola, especializado na produção em modo biológico, defende, por isso, a importância destes encontros, onde é possível trocar experiências e conhecimentos, mas também admite que uma aprendizagem efetiva será mais relevante se acontecer no local, tendo em vista as condições do território.



“Cabo Verde tem outros processos – é outro mundo. Mas é possível produzir doutro modo, noutra escala”, sustentou Avelino Ormonde.

CONTINUAR A APRENDER

Do programa da visita técnica do projeto “Cultivar & Cooperar” constaram, ainda, dois workshops, abertos aos interessados nas áreas em causa: pecuária em modo biológico e pastagens e forragens. Bento Pereira, produtor de leite biológico, participou no primeiro, por considerar que todas as possibilidades de formação são essenciais. “Sentimos, muitas vezes, que falta formação nesta área, por isso fui aprender. Transformei a minha exploração, apostei na produção biológica porque vi aí uma oportunidade de valorizar o produto – e continuo com a mesma opinião – mas penso que ainda nos faltam conhecimentos”, considerou.

É por isso, entende, que estes encontros são benéficos, nomeadamente para pôr em contacto colegas da mesma área. “Falamos e é bom vermos que há pessoas interessadas e que passam pelas mesmas dificuldades”, sustentou.

Mesma opinião tem Gorete Santos, que integrou a formação sobre pastagens e forragens. No workshop, a técnica superior, responsável por analisar projetos de investimento na área agrícola, pôde recordar alguns dos conceitos relacionados com a melhor gestão dos recursos do solo – contra a intensificação, nomeadamente – e partilhar com os colegas as possibilidades que se apresentam, agora, na análise de candidaturas. “Num novo quadro, por exemplo, podemos valorizar melhor os projetos que tenham outro tipo de pastagem, armazenamento de água, que sejam IGP ou que estejam voltados para o biológico. Podemos, também, com esta informação, falar com os projetistas e aconselhar”, afirmou.

NOTÍCIAS

GRATER apresenta plano de atividades e consolida missão da GRATER MAR

Aprovada em 2017, a GRATER MAR – o Grupo de Ação Local para as Pescas (GAL Pesca) direcionado para as questões do mar e das pescas – dando continuidade à implementação da estratégia vai, no ano de 2020, continuar a dar passos consolidados, desta feita no sentido da aproximação dos potenciais beneficiários e do acompanhamento da execução dos projetos já aprovados e dos que se encontram em fase de análise, dada a novidade deste programa na Região e no sentido de prevenir erros na fase de pagamentos. A implementação da Estratégia das Pescas, financiada através do FEAMP (Fundo Europeu dos Assuntos Marítimos e das Pescas) é, portanto, um dos objetivos para 2020 e a meta traçada passa por atingir, nessa área, uma aprovação de 85% e uma execução de 20%.

Importa referir que, atualmente, já nove projetos de investimento foram aprovados num valor total de 167.662,70€ de despesa pública. A tipologia da competitividade do turismo foi a mais requisitada, mas áreas como a inovação em espaço marítimo e a preservação, conservação e valorização dos elementos patrimoniais e dos recursos naturais e paisagísticos mostraram-se de interesse significativo para os diversos beneficiários.

No que diz respeito à Estratégia de Desenvolvimento Local rural, mantêm-se as atividades no âmbito da submedida 19.2 - apoio à realização de operações no âmbito da estratégia de desenvolvimento promovido pelas comunidades locais. Neste âmbito, a GRATER pretende intensificar o seu trabalho junto dos beneficiários com projetos aprovados, por forma, também, a acelerar a execução e a identificar os constrangimentos que estão a dificultar a concretização dos investimentos.



COOPERAR MAIS

A Associação de Desenvolvimento Regional submeteu quatro candidaturas à cooperação LEADER. Trata-se dos projetos “Reducing the distance: short supply chain between land and sea” – um projeto de cooperação transnacional que envolve Portugal, Itália e França na promoção dos produtos agroalimentares locais, de forma inovadora e multifacetada, através da organização de eventos em formato de mercado rural no contexto de cidade, reforçando a ligação entre o meio rural e urbano e os circuitos curtos alimentares; “Smart islands” – um projeto de cooperação interterritorial entre os quatro Grupos de Ação Local dos Açores e que pretende transformar a Região num destino turístico inteligente; “Cultivar & Cooperar” – projeto de cooperação transnacional que abrange parceiros portugueses e cabo-verdianos e que pretende qualificar os agricultores, valorizando, promovendo, facilitando negócios e a aprendizagem através dos intercâmbios; e “3G – Geoturismo, Geoeducação, Geoconservação” – projeto de coo-

peração transnacional que visa a cooperação entre territórios que partilham características semelhantes – nomeadamente o facto de terem alto valor natural, paisagístico, geológico e cultural – com vista ao desenvolvimento de três pilares: geoconservação, geoeducação e geoturismo.

Para além disso, a GRATER pretende, este ano, concluir o projeto “Craft & Art”. A candidatura “Craft & Art” ao INTERREG MAC 2020 foi aprovada em 2016 e em 2017, 2018 e 2019 procedeu-se à elaboração de um diagnóstico das matérias-primas com potencial para o artesanato. Ao mesmo tempo, foram desenvolvidas diversas atividades de qualificação dos artesãos.

Assim, em 2020 trabalhar-se-á na colocação de novos produtos em plataformas digitais; na sensibilização da restauração e da hotelaria para a utilização do artesanato na decoração e no serviço; na elaboração de programas turísticos complementares; na organização de um evento de âmbito local; e na realização de um seminário final de cooperação.

GRATER eleita vogal da direção da Federação Minha Terra

A GRATER – Associação de Desenvolvimento Regional das ilhas Terceira e Graciosa, foi eleita vogal da direção da Minha Terra. Os órgãos sociais da federação, para o triénio 2020-2022, foram escolhidos em janeiro, em Águeda.

A direção – que, no cumprimento das disposições regulamentares, integra associados de todas as regiões NUT II – passará a ser liderada pela ADRIMINHO, representada por Ana Paula Xavier.

Na sua intervenção, a nova responsável defendeu a necessidade de desenhar, para o futuro período de programação, instrumentos de apoio ao desenvolvimento local que consigam ir ao encontro das necessidades,

potencialidades e expectativas das comunidades. Ana Paula Xavier sustentou ainda as mais-valias de um instrumento plurifundo, mais simples e mais flexível

Para além da Assembleia Geral eleitoral, decorreu ainda uma mesa redonda que discutiu os resultados alcançados e os desafios futuros do desenvolvimento rural. O debate contou com a participação de Fernando Martins, Diretor Regional de Agricultura e Pescas do Centro, Jorge Brandão, vogal executivo do Centro 2020, e de Nelson Simões, empresário agrícola e beneficiário de apoios ao investimento através da estratégia desenvolvimento local dinamizada pela ADICES, de Viseu.



NOTÍCIAS

Associação de Desenvolvimento Regional discute DLBC pós 2020 em Bruxelas

Decorreu em dezembro, em Bruxelas, a iniciativa “DLBC pós-2020: ação local num mundo em mudança”, um encontro onde se discutiram as mais-valias do instrumento DLBC (Desenvolvimento Local de Base Comunitária) para o desenvolvimento dos territórios rurais e costeiros, bem como os principais resultados alcançados até agora, o potencial da mobilização de vários fundos nas Estratégias de Desenvolvimento Local e as perspetivas para o futuro, ao nível dos desafios e das grandes temáticas a explorar. A GRATER marcou presença no evento.

A iniciativa, que incluiu Grupos de Ação Local (GAL) e redes de desenvolvimento local, beneficiários de projetos, administração e decisores políticos, especialistas e investigadores, arrancou com uma sessão dedicada ao DLBC apoiado pelo FEAMP (Fundo Europeu para os Assuntos Marítimos e Pescas), na qual se discutiram a transição para o próximo período de programação e o futuro das Estratégias de Desenvolvimento Local dos GAL Pescas.

Seguiu-se um painel dedicado ao financiamento plurifundo do DLBC, no qual Dacian Cioloș deputado do Parlamento Europeu e ex-Comissário Europeu da Agricultura, defendeu a importância do DLBC para a melhoria da democracia, ao nível local, na União Europeia. De acordo com o parlamentar, o DLBC deve ser simples, ajustado e adaptado aos territórios, sendo que, entende, os Estados-Membros “devem ter a coragem” de delegar num nível mais próximo dos cidadãos.



Na sessão oficial de encerramento, Clara Aguilera, deputada do Parlamento Europeu

que iniciou a sua atividade num Grupo de Desenvolvimento Rural da Andaluzia, falou do período de transição que se avizinha antes da entrada em vigor da nova Política Agrícola Comum e defendeu um Quadro Financeiro Plurianual mais forte.



AGENDA

Já foi publicado o aviso nº 43/2020 para a receção de projetos de investimento à Medida 19 – Apoio ao Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC) LEADER, Submedida 19.2 – Apoio à realização de operações no âmbito da estratégia de desenvolvimento promovido pelas comunidades locais, Intervenção 6.4 – Investimento na criação e no desenvolvimento de atividades não agrícolas, do Programa de Desenvolvimento Rural para a Região Autónoma dos Açores 2004-2020 (PRORURAL+).